

Rumo ao suicídio

* 6 ABR 1993

EDUARDO BITTENCOURT
CARVALHO

A História apenas registrou duas espécies de hegemonias.

Na primeira, as grandes maioriais sociais predominaram sobre as minorias, ainda que poderosas e armadas. A Revolução Francesa, a Revolução de 17, a Marcha dos Dez Anos ilustram o modelo.

A segunda espécie agrupa os regimes ditatoriais e despóticos de minorias economicamente poderosas e fortemente armadas. Desnecessário desfilar exemplos, abundantes, tristes e mórbidos.

É bom refletir sobre o fato de que o poder econômico precede o militar. Armas compram-se com dinheiro e soldados não lutam muito tempo em jejum.

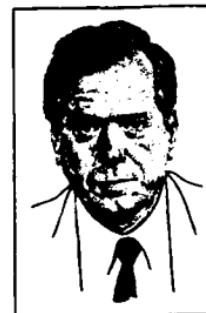
O estudante da Praça da Paz paralisou uma coluna de tanques por pouco tempo. Ele e seus companheiros sumiram dias depois. Ante o Kremlin, todas as TVs do mundo mostraram uma senhora de casaco azul, com uma bolsa preta no braço, proferir um discurso inteiro, com o dedo em riste, no nariz de um soldado postado na torre de um tanque. Desta vez, foram os tanques que sumiram. Resumo: havia sanduíches e rações nos tanques chineses, e não nos russos.

Quem não soube que as tropas soviéticas, para comer, venderam até os botões das fardas na Alemanha?

Tais coisas são lembradas aqui para ajudar a refletir sobre o futuro do Congresso Nacional.

O Poder Legislativo redigiu há quatro anos uma Constituição que agravou a falta de legitimidade do mandato parlamentar.

Mutilou a proporção entre o número de eleitores, de cada Estado da Federação, e o correspondente número de deputados, numa medida tal que os Estados do Centro-Oeste, Norte e Nordeste detêm mais de 50% dos votos,



com apenas um terço dos eleitores, que, por sua vez, produzem menos de um quarto do PIB.

Eis o sonho de querer uma pirâmide apoiada apenas num dos vértices.

Como pode a minoria pobre e desarmada subjugar a maioria economicamente mais poderosa?

Apenas com a força desta Constituição, cuja reforma é reivindicada pela unanimidade da Nação?

Será esta, a Carta Magna, que motivará as Forças Armadas a dar sustentação a um Poder Legislativo que, em março, ainda não aprovara o Orçamento, no qual também se esquecera de prover, aos militares, um soldo que, pelo menos, postergasse a indigência que lhes ronda a porta?

Será que a maioria dos parlamentares, carentes de legitimidade representativa, porque eleitos por uma minoria flagrante dos brasileiros, pensa que o povo lhes vai dar o Poder Executivo, neste plebiscito grotesco para o qual nem sequer souberam preparar a cédula?

Que caminhos exóticos nos oferecem? Uma monarquia presidencialista?

A repetição do parlamentarismo de 1961? Pretendem repetir aquele golpezinho que primeiro derrubou o presidente renunciante, depois a própria Presidência e por fim a democracia?

Não será este mesmo filme, já visto, que está outra vez em cartaz? Será preciso, nos para refrescar a memória, aquela propaganda que na TV derruba todos os retratinhos presidenciais? No mais das vezes, quem os derrubou? Não foram estes mesmos politiqueiros contumazes que querem mais poder para nomear mais cupinchas e parentes, para contratar mais obrinhas paroquiais com comissões continentais?

Duas probabilidades catastróficas se agigantam tristemente: um Congresso fechado pela premência das reformas, ou a desobediência civil e um País dividido.

Deus nos livre!

■ Eduardo Bittencourt Carvalho é presidente do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo